

ha em que — e só a pratica o ensina — se torna necessario levar o interrogado *de encontro a parede*, segundo a expressão corrente, e por a questão em termos explicitos.

Na observação pathologica estudam-se as alterações das propriedades psychicas. As que mais facilmente são encontradas por esse systema de interrogatorios, são as da memoria, da attenção, da vontade e dos sentimentos.

Para que os dados colhidos pela observação pathologica sejam verdadeiros, cumpre que a interpretação das respostas seja submettida a uma fiscalisação. Para isso o melhor methodo é o de observar a dous.

As respostas não devem ser forçadas, nem auxilliadas pelo observador.

A condição essencial para a boa observação psychologica dum alienado é a completa confiança que esse venha a depositar no psychologo.

Para isso é de regra começar por uma pergunta interessando o estado somatico do doente. Em geral — é diario na clinica hospitalar — o alienado vem recolhido ao manicomio para se tratar de qualquer outra molestia, segundo o que elles declaram. Nunca foi o estado mental a causa. Ha, porem, os euphoricos somatico, si assim se pode dizer, que muito irritados ficarão si se lhes indagar do estado saude. Por isso só a experiência continua, a continua pratica pode estabelecer e determinar regras para a observação pathologica.

Tal doente, logorrheico, apenas lhe é feita uma pergunta, desenvolve rapidamente o seu delirio e o observador lê a sua psychologia como um grande livro aberto. Alguns mesmo nem esperam a menor pergunta, e irropem na sala com palavras aos borbotões, queixando-se dos seus males, narrando as suas dores como, por



exemplo, os paralyticos geraes, no primeiro periodo.

Outros doentes ao contrario, em geral os melancolicos, é preciso se lhes arrancarem as palavras, *mot à mot*, para se chegar a um resultado qualquer. N'estes ha, ás vezes, uma pergunta bem dirigida que tem um effeito verdadeiramente magico, fazem como num palco scenico, o panno que sobe e deixa ver magifico scenario.

O lugar em que se observa o doente deve ser simples e sem grandes apparatus, e ao acto da observação não se deve dar outra apparencia que a de uma conversa.

Os grandes livros em que se annotam as observações não devem estar presentes. O observador tomará suas notas ligeiramente, como quem está fazendo outra coisa completamente aparte do que o doente diz. KAEPELIX e seus assistentes, na sua luxuosa clinica de Munich, interrogam os seus doentes mais frequentemente no leito. Só os fazem vir quando o emprego do laboratorio se torna necessario.

O ideal seria o observador passeando entre os seus doentes, dando uma palestra rapida, como que os visitando sómente. De facto, as melhoes informações são as que se colhem muitas vezes ao passear, n'um aperto de mão ao doente, na indagação de sua saude. Dumas, no seu laboratorio de psychologia annexo á clinica do Prof. JORROT, no Hospicio de Saint-Anne, usa ás vezes de interrogatorios para os quaes faz vir expressamente os doentes; um secretario occulto por um reposteiro toma nota de toda a conversa.

A observação pathologica se serve tambem dos escriptos dos doentes. Ha doentes que nunca deram de seu delirio o menor vislumbre sujeitos que fossem aos interrogatorios os mais habéis,



Esses doentes têm ás vezes verdadeiras revelações no seus escriptos, não só pelo seu conteúdo, como pela sua fórma.

BEAILLON emprega na sua clinica particular, além d'isso, a escripta como meio de tratamento dos abulicos e desattentos, por meio de copias systematicas e methodicas.

D'esse methodo psychotherapico já nos occupámos em trabalho especial.

Como vimos, pois, a observação normal e pathologica são methodos correntes em psychologia.

∴

N'uma terceira divisão comprehendí os observadores de serie animal, aquelles que fazem uma verdadeira psychologia comparada. Que esse seja um methodo de grandes resultados nas funcções elevadas, não me parece muito justificavel. Entretanto, para os factos mais simples e rudimentaraes, elle presta serviços.

E é innegavelmente á observação comparada que se deve a exacta noção que hoje se tem do facto psychico inicial.

As outras funcções complexas, quando bem observadas nas diversas especies animaes, servem para as deducções de ordem philosophica sobre a natureza das dos animaes superiores (1).

ROMANES é quem melhores estudos escreveu sobre o assumpto. Seu livro sobre a intelligencia nos animaes é maravilhosamente rico de documentos interessantissimos.

---

(1) ACO. COURTE, por exemplo, se servia da psychologi-animal para ver si um instincto, que é innato no homem é encontrado nos animaes, *sua profecissans*. Os que não o são, podem ser resultado da educação e de treino.



Na Escola de Psychologia de Paris, houve n'este anno de 1907, um curso muito interessante feito por LEPINAY sobre o *dressage* dos animaes.

Era uma serie de preceitos e ensinamentos sobre o modo de tratar, ensinar e educar os animaes, aproveitando-lhes e conhecendo-lhes as aptidões psychicas.

Esse curso mostrava uma das utilidades praticas da observação comparada.

∴

Na parte de sciencias auxiliares da psychologia, entra da uma serie de trabalhos que, parecendo completamente á parte, podem no entanto ser enquadrados nos methodos da psychologia, tal a collaboração efficaç que elles nos trazem.

Nesta classe entram sobretudo, a critica litteraria e a linguistica.]

Quando se lê um romance, se aprecia um typo que não foi completamente imaginado. Ha sempre um fructo de observação psychologica, sempre um conjuncto de predicados que devem ter acompanhado alguém que existio de facto. O romancista, como Balzac, Zola, etc., dá dos seus personagens caracteres que elle observou aqui e alli. Narrando varios estados d'alma, certas crises internas de lucta de pensamentos, elle faz, como qualquer outro, um pouco de psychologia.

Si se toma um autor e se estudam os seus personagens, comparando-os entre si, estabelecendo um confronto, verifica-se que ha sempre um mesmo typo psychologico, um mesmo cunho original impresso em todos elles, donde se podem tirar dados para a psychologia.

Assim por exemplo quem quer que estude e faça a



psychologia do avaro terá bastas vezes de consultar romancistas.

Molière no seu *Avare*, e Balzac com o seu typo admiravel-lo *père Grandet* no livro *Eugénie Grandet* fizeram certamente trabalho de observação antes de construir os seus personagens. E quem analysar Harpagon, ou o velho Grandet terá typos perfeitos a estudar como seres que representam a realidade, tal como a observou um homem do genio.

Etambem psychologia. Depois, os romances revelam mais ou menos o espirito da epoca. Estudando os trabalho de tal ou qual autor pode-se fazer a psychologia do seu meio, do seu tempo.

A linguistica é um genero de pesquisas que pode entrar perfeitamente no dominio da psychologia, quando por meio d'ella se faz a psychologia dos povos.

Fazer como, por exemplo, Max Müller, na sua grammatica comparada, um estudo aprofundado das linguas primitivas o d'ahi concluir os costumes dos povos, é uma variedade de psychologia das mais interessantes.

A palavra pae, por exemplo, esse autor a decompõe e mostra no latim — *pater*, no grego- *πατήρ* no sanscripto-*pitar*.

O radical é, pois, mais ou menos o mesmo-*pa*, ou *pat*. Vejamos agora as palavras: *despotes*-*despota*, *potestas* — *postedade*, *potentia* etc., e uma serie enorme de outras palavras que significam ou dão idéa de poder, de dominio. Ora, quem vir um pouco a historia da civilização, observará que, de facto, todas essas idéas se prendam á de *pae*, chefe da familia.

Outro exemplo egualmente curioso e que traz deducções, que corroboram de resto o que eu procurei de-



monstrar na primeira parte sobre a interpretação de alma nos tempos primitivos, é o seguinte. Tomemos a palavra espirito.

Latim-animus, spiritus Grego *ἀνεμος, πνευμα*. São palavras que significam sopro, ar, que deixam vêr enfim a noção que se tinha de espirito, uma cousa material, o ar que sahia dos pulmões, que dava movimento, que dava vida.

Isso é bem a expressão da verdade.

E si ainda encaramos essa necessidade de concretisação que tinham os povos primitivos, uma prova a mais encontramos na propria linguistica.

Nos verbos, o que appareceu primeiro foi a variedade de modos, o optativo, o subjunctivo, o imperativo.

O tempo — presente, passado e futuro, só muito depois appareceu. Porque? Porque a noção de tempo é uma noção abstracta, de difficil concepção para povos incultos, e que só a civilisação é que trouxe. A philosophia moderna que é uma sciencia abstracta, cheia de adjectivos (o Absoluto, o Relativo, o Abstracto etc.), é um trabalho de civilisação. De facto só um cerebro evoluído concebe abstracções.

Como esta muitas outras são as conclusões a que se pode chegar pelo estudo da linguistica, procurando n'ella a vida das palavras.

É innegavel que as palavras vivem, que ellas significam qualquer cousa, não só isoladamente, como no seu conjuncto; que ellas formam grupos, familias, que em uma perfeita razão de sêr, e que resultam do estado da civilisação do meio em que ellas vivem.



Resta-nos a experimentação. Nós a dividimos em normal e pathologica.

A experimentação normal pôde-se dizer que foi creada por Wundt, na Allemanha.

Em um estudo meticoloso e detalhado das funcções psychicas, feito com o auxilio deapparelhos registradores, que assignalam as suas manifestações de um modo objectivo.

Na experimentação normal a minucia é naturalmente muito maior que na pathologica.

Na experimentação pathologica têm-se a ver alterações mais grosseiras, que saltam aos olhos quasi, são *desnecessarios*, pois, os apparelhos muito sensiveis, muito delicados. Os apparelhos de medida (atenção, por exemplo) são de resto tão imperfeitos, que muitas vezes não recorremos á observação clinica para verificar as suas medidas, quando o contrario é que devia ser. Jaxer, por exemplo, obtem reacções de atenção muito rápidas para seus hystericos que no entanto a sua observação lhe diz serem individuos de debil atenção. Que conclue elle d'ahi ? Não certamente que a sua observação é má, mas sim que as reacções fornecidas pelo examinado deante do apparelho são automaticas e não medem *realmente* a sua atenção.

Despidos desses grandes apparelhos são os laboratorios de Jaxer anexo á clinica do Professor RAYMOND, na Salpêtrière e o de DUBAS, anexo á de JORRAOV em Saint Anne.

Ao contrario disso, immensamente rico de apparelhos



dispondo de seis grandes salas é o laboratorio do Professor KATZELIN, em Munich. Com esses aparelhos são as observações de seus doentes cheias de informações curiosas relativamente a seu estado psychico.

Mas eu acho desnecessario n'uma clinica de molestias mentaes esses aparelhos ultradelicados, só de verdadeira utilidade no estudo de individuos normaes. Nos anormaes, com meia duzia de aparelhos mais essenciaes, obtêm-se interessantes observações.

Dadas as condições em que a sensação, (sobretudo a dos organos sensoriaes) se produz, tendo como ponto de partida uma excitação externa de ordem physica, que é facilmente determinavel e mesuravel, a medida dessas sensações se torna um genero de pesquisa das mais perfectas, em experimentação normal.

Mas esse estudo não foi ainda tentado methodicamente. Só TOLLOUSE ensaiou um systema no qual elle se propunha :

1º definir, denominar e classificar as sensações.

2º Criar methodos de medidas cujas condições physicas e chimicas sejam rigorosamente determinadas e que sejam applicações do mesmo principio geral.

3º Propor unidades de medida.

Para isso elle divide as sensações em internas e externas ou de relação e crea uma serie de termos novos para essas sensações : myesthesia, haphiesthesia, algo-haphi-esthesia, thermo-esthesia, algo-thermo-esthesia, etc. E sobre estas bases elle estabelece o seu methodo experimental.

Mas essa questão de termos e testes e divisões é uma questão secundaria. O methodo é tudo, e muito interessantes e proveitosos são os conselhos praticos de technica.



Assim as condições externas de experiencia, o meio, o estado do individuo são objecto da attenção do experimentador.

A installação d'um laboratorio, isto é, uma sala especial onde as experiencias sejam feitas, se torna necessario.

Sem ter os luxos dos laboratorios allemães, com poucosapparelhos indispensaveis, póde-se installar um bom laboratorio, si se attender a certas circumstancias.

Assim, poder recorrer á electricidade, indispensavel para o andamento de certos apparelhos, ter esses apparelhos ao abrigo do pó, em logar seguro; ser o laboratorio facilmente lavavel e desinfectavel — são rudimentos que facilmente se comprehendem.

Para certo genero de pesquisas se torna necessario o uso d'uma camara escura.

TOUTOUSSÉ tem mesmo em seu laboratorio de Villejuif um quarto completamente isolado do menor ruido externo, por paredes de cortiça.

Outros conselhos de ordem pratica, são os que dizem respeito ao observado — sua disposição no momento da experiencia, etc.

Um conselho relativo á escolha dos examinados, consiste em eliminar aquelles que sejam sabedores do assumpto da experiencia.

Na experimentação normal se procurá obter médias tiradas da observação de individuos de varios grãos de intellectualidade.

Não fechemos o capitulo da experimentação normal sem citar como grandes cultivadores destes assumptos



além de TOULOUSE, e sua escola de Villejuif, BISTRT e seu discipulos PHILIPPE, COCHTIER, VICTOR HENRI, etc.

Resta-nos a experimentação pathologica. E' ahi que está a maior productora de trabalhos nestes ultimos annos.

Um erro capital existe na concepção que têm muitos autores do que se deve entender por experimentação pathologica, e, digamos até mesmo, do que se deve entender por psychologia pathologica.

E' muito commum se ouvir dizer que esta sciencia estuda as molestias psychicas vendo em que consistem as suas perturbações. Ora vae n'isso um engano extraordinario. O que o psycho-pathologo faz é estudar no doente aquillo que lhe convem. Si por exemplo nós fazemos um estudo sobre a alegria ou sobre a colera, tomamos a pressão arterial, medimos a orça muscular, a altura da respiração, etc., n'uma serie de doentes que desfilam a nossos olhos — paralyticos geraes, maniacos, paranoicos, etc., pouco importando os seus delirios, apenas nos importando saber si no momento em que fazemos a nossa experiencia elles estão alegres, ou colericos.

Ao contrario disso, faz-se frequentemente por ahi como psychologia pathologica a narração de delirios, historias mais ou menos longas de phantasias de alienados, procurando-se explicar causas e origem dessas phantasias.

Julga-se fazer psychologica pathologica porque se faz uma analyse psychologica muito detalhada do caso



que se estuda e se attribue mais ou menos importancia ás causas psychologicas da evolução do delirio.

Assim quando um melancolico diz que está triste porque a mulher morreo, embora isso não seja verdade, o psycho pathologo dirá que elle está triste porque o seu systema nervoso está deprimido, o seu pulso é fraco, sua pressão arterial baixa. O alienista, que não fizer tambem psychologia pathologica, dirá que elle está triste porque a idéa da morte de um parente se lhe fixou no pensamento e provocou a reacção de tristeza.

Para o facto das allucinações visuaes se seguirem ás auditivas num perseguido, por exemplo, os alienistas encontrarão conforme o seu delirio, uma serie de explicações para isso.

Os psycho-pathologos dirão muito simplesmente-as allucinações auditivas são as primeira que apparecem porque o sentido da audição é de difficil *contrôle*.

Um individuo, que ve um vulto n'um logar qualquer, vae a esse logar e, com o auxilio do tacto, se certifica da irreabilidade da sua visão. Um individuo que ouve um ruido, ou pensa ouvir alguem que o insulta, não tem o menor meio de se conformar da irreabilidade de sua sensação. Debalde se lhe dirá que é inexacto, que era impossivel que elle tivesse ouvido qualquer cousa, por mil e um motivos que se lhe explicam, - elle não comprehenderá. Falta — lhe uma verificação de que elle mesmo seja conhecedor. Si, ás vezes, elle sorri e parece estar satisfeito das explicações dadas, isso não passa de uma apparencia illusoria; no fundo resta-lhe sempre um vestigio de duvida.



Mas, dirão os não psychologos, nas allucinações visuaes, a verificação propria pôde não bastar, da mesma forma que não basta para as allucinações auditivas. A isso responderemos que é preciso que o cerebro já funcione realmente muito mal, para que elle se não convença da realidade do que lhe diz o tacto, que nega a existencia do phantasma percebido.

Por ahí se ve a que conclusões diversas podem chegar alienistas não psychologos e psycho-pathologos, aquelles convencidos de que fazem psychologia pathologica emquanto não fazem mais que uma serie de deducções sobre factos de alienação.

Certamente o alienista tem o direito de agir assim e de se servir da psychologia para suas analyses. Mas com isso elle não faz psychologia pathologica, elle se serve simplesmente da psychologia para melhor conhecer as causas e a evolução d'um delirio, isto é, as unicas cousas que o interessam como clinico.

O que é preciso fazer notar bem é isto : o alienista, o medico, estuda as molestias estabelecendo perfeitamente os seus typos clinicos, emquanto que o psycho-pathologo busca em cada molestia o que interessa o seu estudo de uma função especial.

Assim, por exemplo, um tabetico pode servir de assumpto a un psychologo que estuda as perturbações da sensibilidade, ou os suas relações com a motricidade, tão bem quanto servirá un syringo-myelico ; os seus diagnosticos pouco importando à pesquisa.



Estabelecida esta concepção do que é a psychologia



pathologica digamos em que consiste mais ou menos a experimentação pathologica.

Nós sabemos que a certos estados psychicos correspondem alterações physiologicas ou, para fallar mais modernamente, a certas alterações physiologicas correspondem certos estados psychicos.

Na experimentação pathologica, toma-se conhecimento dessas alterações e, pesquisando o mesmo phenomeno em varias modalidades clinicas, procura-se o mais possivel deduzir dahi para o normal.

As vantagens deste methodo são enormes. Para não citar si não um exemplo rapido, fallemos das bellas e interessantissimas pesquisas do Dr. G. DUMAS sobre o sorriso.

Conhecem se as explicações que havia para o sorriso. DARWIN, por exemplo, via no sorriso um movimento de defesa. Autores procuravam mostrar a analogia existente entre o sorriso e o movimento do animal ameaçador, que entreabre os labios e deixa ver os dentes.

Outros procuravam ver no sorriso uma demonstração de prazer. O sorridente abria a bocca, procurava aspirar, sorver o motivo de seu contentamento. (WUNDT).

Que fez DUMAS ?

Elle constatou que nas paralyrias de facial, fossem de origem peripherica, fossem de origem central, o rosto paralyzado tomava uma expressão de tristeza, enquanto que nos casos de contractura hysterica ou por hemorragia central, a leve excitação do facial produzia naturalmente o sorriso. Verificou mais que uma excitação qualquer do nervo facial produzia o mesmo movimento de sorriso.



D'ahi ? D'ahi tomou uma serie de doentes, melancolicos, maniacos, dementes, e, electrizando o ponto de emergencia do nervo facial á sahida do buraco stylo-mastoideu, obteve o sorriso forçado em todos os seus doentes.

A conclusão era facil de tirar : o sorriso era o resultado de uma excitação leve do nervo facial. E si o prazer se traduz pelo sorriso, é que o prazer corresponde a uma leve excitação physiologica do systema nervoso.

De sorte que os philosophos com as suas bellas interpretações, prendendo-se ao facto psychico em si, sem procurar uma causa physiologica, sem ter tido o individuo pathologico a observa, deixaram-se arrastar vãmente por concepções complicadissimas. Veio o psychologo e, com auxilio da experimentação pathologica, resolveu a questào de um modo simples.

E como auxiliar da clinica psychiatrica, a experimentação pathologica presta enorme serviços resolvendo questões, que o alienista não psychologo deixa ignoradas.

Supponhamos um doente com o aspecto de estupor. A face é sem a menor expressão. É o ar *hébété*, como dizem os francezes. O olhar vago, abstracto, não respondendo á menor pergunta, sempre alheio ao mundo externo. Um alienista, que se limitasse ás observações da clinica, nada conseguia saber sobre o seu pensamento — mas si elle é ao mesmo tempo psychophysiologista, elle o conseguirá facilmente. Toma o seu doente, trál — o ao seu laboratorio, applica-lhe, por exemplo, o apparelho pneumographo de Marey, e na curva de sua respiração elle vae ler uma excitação, ou uma depressão.



Elle saberá, com effeito, que o rythmo respiratorio traduz admiravelmente todos os estados de excitação cerebral e seus varios grãos ; elle poderá dizer que elle está excitado e nos marcara os grãos e as variações d'esta excitação.

Outras experiencias interessantes se podem fazer. N'um estudo de associação de idéas houve uma these feita em Saint-Anne por um processo engenhoso. O experimentador fazia vir os seus doentes e deixava-os fallar livremente. Um phonographo recebia o que elles diziam. Comparadas depois as phrases entre si verificava-se que os manicacos repetiam de momento a momento a palavra Eu : *Eu faço, eu aconteço*. Emquanto que os dementes eram indeterminados nas suas allocuções : *Um typo fez, um typo acconteceu*, etc...

∴

O futuro da experimentação pathologica é immenso. Póde-se dizer que nestes ultimos annos a psychologia physica, a normal, nada tem apresentado de seu, e só a psychologia pathologica tem trazido fructo de seu trabalho ao conhecimento geral.

Ainda ultimamente, no congresso de Roma, as melhores memorias eram de psycho-pathologos.

E os laboratorios de G. DUMAS JANET, SOLLIER, etc., são focos de trabalho incessante, emquanto que o assumpto falta nos de BINET e seus discipulos PHILIPPE, COCHETIER, etc...

Na Allemanha, KRÉPELIN trabalha constantemente e sua revista *Archivos de Psychologia* é cheia de in-



formações e dados colhidos pela experimentação pathologica.

∴

E com isto acreditamos nós ter tratado de todas as variantes dos methodos em psychologia.

No fundo elles todos se auxiliam mutuamente, e o proprio methodo de introspecção, vicioso, máo, cheio de defeitos — tambem prestou e presta o seu serviço.

Sem elle, nós não teriamos sabido o que é em nós a dôr, ou o prazer, a alegria ou a tristeza.

A elle devemos uma infinidade de reflexões com que enchemos os nossos momentos de tedio, de angustia de nostalgia. A elle devemos o freio que muitas vezes oppomos á corrente indomavel dos nossos instinctos, observando-nos nós mesmos os nossos actos e julgando o que é Bem, e julgando o que é Mal, e praticando o Bem e abandonando o Mal.

A elle devemos o recurso d'uma consolação terna e mansa, que nos dá a observação propria, quando julgamos um acto nosso, incomprehendido dos outros, por elles mal classificado, mas que em nós obdeceu ao mais alto dos fins.

E a elle, máo, defeituoso, cheio de vicios me restará o acreditar na minha boa vontade ao desenvolver a these que tomei por thema, embora os outros a julguem — e eu disso estou certo — um simples amontoado de palavras, com que é cumprido um dever reguamentar.



# PROPOSIÇÕES

---

Três volumes sobre a vida dos médicos do curso de medicina  
medicina e cirurgia



I

As luxações mais frequentes são as da articulação escapulohumeral.

II

El motivo dá-lhe a amplitude dos seus movimentos.

III

A isso concorre a pouca profundidade da cavidade glenoidal.

## OPERAÇÕES e APPARELHOS

---

I

Na ligadura da carótida externa o melhor ponto de separar é a alça do nervo hypoglossico.

II

Atachado o nervo hypoglossico a ligadura se deve fazer acima d'esse ponto de separação.

III

Devida ao invaginamento das carótidas no seu ponto de saída, deve-se ter sempre muito cuidado na ligadura da carótida externa para não prender no fio ligador as duas carótidas, o que poderá causar perturbacões cerebraes.



## CHIMICA MEDICA

### I

O oxygenio (gas incolore) é empregado em natureza em medicina.

### II

Usa-se em inhalações e em injeções intersticiaes.

### III

Para supprir a deficiência da hematose dos melancolicos, usa-se experimentado inhalações de oxygenio, sem grande resultado.

## HISTORIA NATURAL MEDICA

### I

O monerio é considerado como a manifestação mais rudimentar da vida.

### II

Elle resume em si todas as demonstrações de vida que mais tarde se especializam e constituem organos eapparellios nos animaes superiores.

### III

Como tal, o facto da sensibilidade que elle possui é o germe do facto psychico humano.



## ANATOMIA DESCRIPTIVA

## I

Um nervo nunca passa impunemente por uma articulação—elle sempre lhe abandona um ramo articular.

## II

Logo que um nervo chega ao lugar que elle vai enervar, divide-se rapidamente, dando um numero enorme de filias anastomosica e desaparecendo.

## III

Num plexo de nervos rachideanos os ultimos pares são os que enervam os pontos mais afastados. Assim, no plexo brachial o nervo mediano, que enerva as extremidades dos dedos, tira sua origem nos ultimos pares cervicais.

## HISTOLOGIA

## I

A concepção histologica de neurónio anatomicamente independente é hoje considerada sem fundamento.

## II

A theoria histologica do somno e do sonho de Mathias Duval, baseando-se na maior ou menor contiguidade dos neurónios, pertence hoje a l'historia da histologia do systema nervoso.

## III

O mesmo podemos dizer para as theorias histologicas



de Cajal sobre a associação, vigília, somno e attenção voluntária, dependentes da variações morphológicas das células de neuroglia.

## PHYSIOLOGIA

---

### I

O *ser vivo* é sede de uma successão de transformações, tendentes à conservação do individuo e da especie.

### II

A sensibilidade é uma função de defesa.

### III

O facto psychico não é mais do que o phenomeno physiologico — sensibilidade, com um facto à mais — a consciencia.

## BACTERIOLOGIA

---

### I

O lugar em que os *trypomonas* se accumulam nas lesões dermicas, é nas camadas mais profundas, nas mais juxta-dermicas dos corpos de Malpighi.

### II

Elle existe raramente nas camadas superficiaes.

### III

Para, portanto, se obterem boas preparações de *trypo-*



*nomas* deve-se procural-os nas camadas profundas da pele, sobretudo nos corpos papillares da derma.

## PHARMACOLOGIA

### MATERIA MEDICA e ARTE DE FORMULAR

---

#### I

A receita deve ser lisivel, datada, assignada, e ter o endereço, para permittir a reparação facil de qualquer organo.

#### II

O modo de ministrar o medicamento deve ser escripto com todos os detalhes.

#### III

Cumpra ao medico dizer si a receita deve ser renovada, sobretudo nos casos em que o uso continuado do medicamento possa ser nocivo (arsenico, morphina, etc.).

## ANATOMIA e PHSIOLOGIA PATHOLOGICAS

---

#### I

Os phenomenos nervosos observados no mal de Pott, são devidos a invasão do espaço epidural e das meninges pelo *processus* tuberculoso.

#### II

A meningite tuberculosa começa no nivel do foco ver-



tuberculal — o ligamento posterior se ulcera, a materia tuberculosa penetra no canal rachideano e se estende sobre a dura mater em altura e em largura.

III

Qualquer que seja a evolução da perimeningite, ella termina pela compressão da medulla e das raizes, produzindo perturbações nervosas.

PATHOLOGIA MEDICA

---

I

A ataxia nos movimentos simples de uma articulação móvel sobre um só eixo se manifesta nos casos graves 1<sup>o</sup> por uma execução anormalmente rápida; 2<sup>o</sup> por uma tensão consideravel; 3<sup>o</sup> pela conservação da contracção durante um certo tempo depois do movimento; 4<sup>o</sup> pelo apparecimento de tremores, de frequencia e amplitude variavel, em opposição com a contitidade normal do movimento.

II

Segundo a gravidade do mal, pode-se observar, uma, varias ou todas estas anomalias.

III

Quando são diversas as articulações cujos movimentos são affectados, estas anomalias podem-se combinar de diversos modos.



PATHOLOGIA Cirurgica

---

I

As luxações mais frequentes são as da articulação scapulo-humeral.

II

É motivo disso a amplitude dos seus movimentos.

III

A isso concorre a pouca profundidade da cavidade glenóide.

OPERAÇÕES e APPARELHOS

---

I

Na ligadura da carótida externa o melhor ponto de reparo é a alça do nervo hypoglosso.

II

Achado o nervo hypoglosso a ligadura se deve fazer acima d'esse ponto de reparo.

III

Devido ao invaginamento das carótidas no seu ponto de scisão, deve-se ter sempre muito cuidado na ligadura de carótida externa para não prender no fio ligador as duas carótidas, o que poderá causar perturbações cerebraes.



## ANATOMIA, MÉDICO-CIRURGICA

---

### I

O conhecimento exacto das anastomoses, anomalias e superficialidade dos vasos e nervos é de grande importância na pratica diaria da cirurgia.

### II

Devido a anastomoses dessa natureza é que uma pancada na parte interna do braço, no ser terço superior, pode produzir o phenomeno de *solução*, pelas anastomoses dos primeiros nervos intercostaes.

### III

A essas anastomoses se deve a conservação da sensibilidade d'essa parte do braço, nas lesões de plexo brachial.

## THERAPEUTICA

---

### I

Um dos ramos mais importantes da therapeutica é a *psychotherapia*.

### II

Em toda a acção de um medicamento ha a considerar o effeito suggestivo.

### III

Os psychologia experimenta e dados praticos virão para o estabelecimento de uma *psychotherapia* racional.



## OBSTETRICIA

---

### I

Os vomitos incoercíveis da gravidez cedem muitas vezes a uma applicação electrotherapica.

### II

O methodo de Apostoli — electrização da trachéa com uma intensidade fraca, com augmentos bruscos e rapidos da corrente — é innegavelmente o melhor.

### III

A galvanização do pneumogastrico é tambem aconselhavel.

## HYGIENE

---

### I

Como parte das mais importantes na hygiene social, deve-se collocar uma serie de estudos que se podem denominar : o antialcoolismo.

### II

Dada a progressão enorme que vae tendo o mal que se quer combater e, de par com elle, a lucta que se lhe oppõe, não duvidamos na creação d'uma verdadeira sciencia, rumo da hygiene, o *antialcoolismo*.

### III

A essa sciencia pertencera tudo quanto diz respeito ao



alcohol, seus beneficios (?) e seus maleficios. De resto o ultimo congresso de anti alcoolismo, reunido em Stockholm, o provou exuberantemente.

## MEDECINA LEGAL

---

### I

A responsabilidade criminal é uma questão de alta importancia, na determinação da qual o alienista deve ser ouvido.

### II

Ha graus de responsabilidade. A primitiva divisão de responsaveis e irresponsaveis deve ser substituida por uma que comprehenda uma classe enorme de individuos, que se podem dizer semi-responsaveis.

### III

A cases individuos se deve attribuir uma responsabilidade attenuada.

## CLINICA PROPEDEUTICA

---

### I

As atrophias musculares podem ser nevriticas, myelopathicas e psychicas.

### II

A toda e qualquer lesão do feixe pyramidal corresponde uma atrophia muscular myelopathica.



III

As atrophias musculares nevriticas são em geral symétricas e bilateraes.

CLINICA DERMATOLOGICA E SYPHILIGRAPHICA

---

I

Ha curas radicaes de epitheliomas pelo raios X.

II

Os raios X têm uma acção electiva sobre as cellulas cancerosas, que degeneram e se eliminam.

III

O epithelioma do labio inferior é o mais refractario a acção do raio X.

CLINICA OPHTALMOLOGICA

---

I

Os escotomas dos neurasthenicos se differenciam dos causados por lesão do nervo optico por serem moveis, enquanto que estes são fixos.

II

A hyperesthesia optica constitue um dos symptomas importantes da neurasthenia.

III

Tem tambem esta molestia um symptoma, a asthenopia



nervosa, que consiste em uma impossibilidade de longo trabalho ao nervo optico.

## CLINICA PEDIATRICA

---

### I

A paralytia e spinal infantil evolue em quatro phases : phase de inicio, de paralytia generalisada, phase de regressão e phase de atrophyia com deformação.

### II

No primeiro periodo o diagnostico é impossivel, os phenomenos sendo guaes aos de qualquer molestia infecciosa : febre, perturbações gastro-intestinaes, algumas reacções nervosas, rachialgia, somnolencia, agitação, convulsões, etc.

### III

O caracteristico mais assignalavel n'esta molestia é a rapidez com que sobrevem a paralytia, que em poucas horas toma todos ou grande parte dos musculos do corpo. A esse periodo segue-se a regressão, que é lenta e se termina pela atrophyia dos musculos condemnados a paralytia.

## CLINICA MEDICA (1ª cadeira).

---

### I

O mal de Pott começa em geral (no typo clinico classico) por um periodo doloroso.



II

As dores persistem por um tempo mais ou menos longo, sem qualquer outro phenomeno, sobrevindo depois a rigidez do rachis e a dor rachideana provocada e localisada.

III

Ao segundo periodo pertecem a paraplegia, as anesthasias, as perturbações sphincterianas, as gibbosidades e os abcessos ossifluentes.

CLINICA Medica (2ª cadeira)

---

I

Quando ha gibbosidade o diagnostico do mal de Pott é facil.

II

A dor inicial é facilmente confundida com uma nevralgia. A bilateralidade da dor é um symptoma que deve prender a attenção pois elle é indicio de lesão medullar.

III

É sempre bom pensar na possibilidade dum syndroma hysterico. O pseudo-mal de Pott hysterico apparece em geral depois d'uma crise convulsiva. Os symptomas sensitivos são os primeiros; não ha perturbação dos reflexos, nem dos sphincters, e, as vezes, é facil a cura por suggestão.

CLINICA CIRURGICA (1ª cadeira)

---

I

Ha fracturas de causas predisponentes.



II

Uma d'ellas é a hereditariedade.

III

Familias ha em que os ossos são muito pouco resistentes e se fracturam facilmente.

CLINICA CIRURGICA (2.ª cadeira)

---

I

Nas fracturas de coxa o melhor apparelho empregado é o de Hannequin.

II

Com esse apparelho se consegue evitar o grande encurtamento da perna.

III

Esse encurtamento, que apesar de tudo existe, não deve ser maior de 3 a 4 centímetros para passar despercebido.

CLINICA OBSTETRICA e GYNECOLOGICA

---

I

A ovariectomia é uma operação perigosa.

II

Ella não deve ser praticada si não em casos extremos.



III

O estado mental da doente sofre a influencia d'essa operacão.

CLINICA PSYCHIATRICA e de MOLESTIAS NERVOSAS

---

I

A psychologia experimental presta reaes serviços a psychiatria clinica.

II

Por meio d'ella nos conseguimos penetrar muitas vezes no pensamento da doente, conhecendo-lhe o seu delirio, arrancando-lhe o véo que o occultava.

III

Este genero de pesquisas se bazêa sobre a correlacão que ha entre os estados mentaes e certas funcções physiologicas (respiracão, circulaçãoeetc.)

*Visto, Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro, 2  
de Dezembro de 1907.*

Dr. BARTO SILVA,  
Sub. Secretario.



## BIBLIOGRAPHIA

---

- Netter (A.).** — La parola interiore et l'âme.
- Binet (A.).** — La psychologie expérimentale d'après les travaux du Congrès de Londres. (*Revue des Deux-Mondes*, Paris, 1903, CXVI, 431-449).
- Cattell (J. Mc K.).** — On error of observation (*Ann. J. Psychol.*, Worcester, 1902-1903, V, 283-293).
- Cattell (J. Mc K.).** — The progress of psychology. (*Pop. Sc. Month.*, New-York, 1903, XLIII, 779-785).
- Ferrevo (G.).** — I simboli in rapporto alla storia e filosofia del diritto, alla psicologia e alla sociologia (*Arch. de psychiat.*, etc. Torino, 1903, CXIX, 397-429).
- Broadbent.** — Des localisations cérébrales. (*Ann. de psychiat. et d'hypnot.*, Paris, 1902, n. s., II, 324-329).
- Hain (A.).** — The respective spheres and mutual helps of introspection and psychophysical experiment in psychology. (*Mind*, London and Edimb., 1903, n. s., II, 43-53).
- Henry (C.).** — Le problème et les méthodes générales d'une psychologie (*Revue scientifique*, Paris, 1903, II, 133-141).
- Irons (J.).** — Prof. James, theory of emotion. (*Mind*, London, and Edimb., 1904, n. s. III-77-97).
- Jastrow (J.).** — Community and association of ideas, a statistical study. (*Psychol. Rev.*, N. Y., and Lond., 1904, I, 152-158).
- Hergstrom (J. A.).** — An experimental study of some of the conditions of mental activity. (*Ann. J. Psych.*, Worcester, 1903-1904, VI, 247-274).
- Ward (Lester F.).** — Status of the mind problem. (Washington)
- Tochisch (V. F.).** — La méthode scientifique en psychologie. (*Arch. psychiatr.*, etc. Khartow, 1894, XVIII, 46-59).



- Haldwin (J. M.).** — Psychology past and present. *Psych. Rev.* N. Y. and London, 1904, I, 303-304.
- Haudouin (M.).** — La psychologie expérimentale en Amérique, les laboratoires et les cours de Clark University à Worcester. (*Arch. de neurol.* Paris, 1904, XVIII, 11-18).
- Marbled (S.).** — Elements de psychologie physiologique et rationnelle. (Paris, Messon).
- Haudouin (M.).** — La psychologie expérimentale en Amérique : les laboratoires et les cours à Yale, Harvard, Cornell, Pennsylvania, Michigan, Johns Hopkins, etc. (*Arch. de neurol.* Paris, 1904, XVIII, 390-393).
- Fouillée (A.).** — L'épistémologie de la science et de la philosophie. (*Rev. philosoph.* Paris, 1906, XLII, 1-25).
- Stumpf.** — L'âme et le corps. (*Rev. Scientifique*, Paris, 1906, 4 s. VI, 121-130).
- Cushman.** — The new psychology. (*Scienc.* N. Y., 1906, XLII, supp. 17-18).
- Tanzé (R.).** — The limits of psychology. (*Annals of Neurology*, St-Louis, 1907, XVIII, 366-378).
- Münsterberg (H.).** — The finger from experimental psychology. (*Annals of the Psych.* Boston, 1908, LXXXI, 409-427).
- Titchener (C. B.).** — Psychological laboratory. *Mind*, Lond. and Glouc, 1908, n. s., VII, 311-312.
- Binet (A.).** — La mesure en psychologie individuelle. (*Rev. philosoph.* Paris, 1908, XLVI, 113-122).
- Cattell (J. Mac K.).** — The advance of psychology. (*Science*, N. Y. and Lancaster, 1908, n. s., VII, 323-341).
- Kline (L. W.).** — Methods in animal psychology (*Ann. J. Psych.* Worcester, 1908-1909, X, 216-222).
- Hochberg.** — L'activité et la vie. (Paris, 1907).
- Fleury (Ch.).** — Science et spiritualisme. La valeur de la science, Dieu et Dieu : le matérialisme, la psychologie des spiritualistes. (Paris, 1907).
- Ford (A.).** — L'âme et le système nerveux. (Paris, 1906).
- Thomdike (R. L.).** — Elements of psychology. (London, 1906).
- Hochberg (W.).** — La psychologie objective. (*Rev. scient.* Paris, 1906, 4 s. VI, 114-115).



- Binet (A.).** — Recherches de pédagogie scientifique, (*Année psychol.*, Paris, 1906, XII, 233-274).
- Woodworth (H. S.).** — Psychiatry and experimental psychology. (*Am. J. Insan. Bull.*, 1906, LXXII, 27-37).
- Finot (Jean).** — La philosophie de la longévité. (Paris, 1906).
- Biewliet (Van J. J.).** — Causeries psychologiques. L'évolution de la psychologie au XIX<sup>e</sup> siècle, etc. (Gand, 1906).
- Piéron (H.).** — A propos de la technique en psychologie. (*Arch. de psychol.*, Genève, 1903-1906, V, 393-396).
- Nuel (J. P.).** — La limite de la psychologie et de la physiologie. (*Gas. méd. Belge*, Liège, 1904-1906, XVIII<sup>e</sup>, 351-254).
- Baratoni (A.).** — Fondamenti di psicologia sperimentale (Torino, 1903).
- Bianchi (L.).** — La psicologia odierna et le sue attinenze con alcuni rami della biologia. (*Ann. di neurol.*, Napoli, 1905 XXIII, 161-168).
- Squillace (F.).** — La psicopatologia positiva e l'avvenire d'ellcritica letteraria. (*Riv. Mens. di psichiat forense*, Napoli, 1908, I, 127-131).
- Maxwell (J.).** — Les phénomènes psychiques ; recherches, observations, méthodes. (Paris, 1903).
- Colucci (G.).** — Limiti di una psicologia sperimentale. (*Rev. d'Italia*, Roma, 1904, VII, 290-311).
- Le Dantec (F.).** — Les sensations et le monisme scientifique. (*Rev. scientifique*, Paris, 1904, I, 102-117).
- Bhow (G.).** — Les dangers du scapel en psychologie. (*Bull. de l'Inst. gen. psychol.*, Paris, 1904, IV, 185-189).
- Toulouse, Vasside et Piéron.** — Technique de psychologie expérimentale. (Paris, 1904).
- Laby (J. H.).** — Application de la méthode d'observation directe en psychologie expérimentale. (*Rev. de psychiat.*, Paris, 1904, 504-509).
- Grasset.** — La biologie et la psychologie (Extr.). (Paris, 1902).
- Jaire (P.).** — De la méthode d'expérimentation des phénomènes psychiques. (*Ann. de Psychol.*, Paris, 1902, XII, 1-13).
- Vasside (N.).** — Les recherches expérimentales sur les rêves. Les méthodes. (*Rev. de Psychiâtrie*, Paris, 1902, 25, VIII 145-161).



- Toulouze.** — Rapports de la psychiatrie avec la psychologie (*Rev. de Psychiatrie*, Paris, 1902, 23, XI, 289-317).
- Charotter (J.).** — Le conflit actuel de la science et de la philosophie dans la psychologie- (*Rev. Phil.*, Paris, 1902, XXVII, 248-258).
- Larguier des Bancels.** — Les méthodes de mémorisation, (*Année psych.*, Paris, 1902, VIII, 185, 194).  
*Id.* — (1904, X, 131-132).
- Cattell (J. Mac K.).** — The Conception and methods of psychology, (*Pop. Sc. Month*, N.-Y., 1904-5, LVI 176-189).
- Romanes (G. Y.)** — Origin of human faculty (Brain, London, 1885-90, XII, 285-307).  
*Id.* — L'Evolution mentale chez l'homme (Trad. de Variguy, Paris, 1901).
- Saroli.** — Della genesi del pensiero ; saggio di psicologia fisiologica (*Scienz. nat. d. r. seriat.*, etc., Roma, 1892).
- Sergl.** — L'origine dei fenomeni psichici. (Torino).
- Soury (J.).** — Système nerveux central.
- Binet (A.).** — Ame et corps.
- Hoffding (H.).** — The present state of psychology and its relations to the neighbouring Sciences, (*Psychol. Rev.* N.-Y., 1905, XII, 62-77).
- Dubois (B.).** — Psychologie et physiologie comparées, réponse à M. Nuel (*C. r. Soc. de Biol.* Paris, 1905, LVIII, 474-476).
- Nuel (J. P.).** — De la psycho-physiologie comparée. (*C. r. Soc. de Biol.* Paris, 1905, LVIII, 686-688).
- Hachets Louplet (P.).** — Un nouveau procédé expérimental en psychologie zoologique. (*C. r. Soc. de Biol.* Paris, 1905, LVIX, 1-3).
- Chamberlain (A.).** — Primitive theories of knowledge, a study in linguistic psychology, (*Monist.* Chicago, 1902-1903, XII, 285-304).
- Caullery (E.).** — La méthode en psychologie zoologique, (*Rev. de l'hygiène*, Paris, 1902-1903, XVII, 230-241).
- Holland (E.).** — La (biologie) maîtrise des phénomènes mentaux (*Rev. mens.*, Paris, 1902-1904, t. XIX, 123-227).
- Hachets Louplet (P.)** — Le mystère du pigeon messager expérimenté par la méthode expérimentale, etc. (Paris, 1903).



Григорьев (Г. Г.) — Les Histoires de quelques nations, (Ann. phil. d. sc. russ. de Moscou, 1830, 25, 47-62).

Григорьев — Письма к Петру, (Ann. d. sc. russ. de Moscou, 1837, 11, 16-21).

Григорьев (Г. Г.) — La dévotion des philosophes russes, (Ann. russ. de Moscou, 1830, 25, 235-250).

Григорьев — Introduction.

